

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANELISA LANDIM

**MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: CADERNO
DIÁRIO PARA QUÊ?**



Rio Claro
2016

ANELISA LANDIM

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: CADERNO DIÁRIO PARA QUÊ?

Orientador: Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2016

372.218 Landim, Anelisa
L257m Memórias de professoras : cadernos diários para quê? /
Anelisa Landim. - Rio Claro, 2016
40 f. : il. + 6 folhas atividades de sala

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Educação de crianças. 2. Diários de classe. 3. Escola de
educação infantil. 4. Autoavaliação. 5. Vivência de
professoras. I. Título.

Dedico este trabalho primeiramente à Deus que me deu forças para continuar mesmo com tantos desafios, depois aos meus amados pais que sempre acreditaram em mim e nunca me deixaram desistir e também aos meus filhos, Giovanna, Isaac e Isadora, pois por eles cheguei até aqui.

AGRADECIMENTOS

À minha família, amada e presente.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram.

Ao meu orientador, paciente e dedicado.

“Chega mais perto e contempla as palavras, cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível que lheres: trouxeste a chave?”. (Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este estudo teve por objetivo discutir como o caderno diário, passou a ser um grande aliado das professoras de Educação Infantil, em sua trajetória diária de registros, procurando mostrar um pouco do desenvolvimento dessas reflexões contidas em anotações, sobre do dia a dia em sala de aula vivenciado com seus alunos, suas atividades e situações ocorridas durante as semanas dentro do contexto escolar. Além de registrar todos os acontecimentos aplicado e vivenciado com as crianças a cada dia, também serve como um modo de guardar suas memórias, as atividades que deram certo e também as que deram errado, para que com o passar dos anos, possam ser revividas as memórias vivenciadas em sala de aula e dar meios de aperfeiçoamento em aulas futuras, visto que cada turma de crianças pede um tipo de cuidado diferente e modos variados de ensino. O caderno analisado, neste trabalho traz relatos de turmas diferentes do ensino feito em uma escola de educação infantil particular da cidade de Rio Claro/SP, como forma diferenciada de rever os próprios métodos, através da minha vivência junto a professoras e alunos no ambiente escolar. Assim como mostra toda a trajetória contida de experiências adquiridas e que podem vir a servir de ajuda para outras colegas de trabalho.

Palavras-chave: Memórias. Caderno Diário. Professoras. Escolas de Educação Infantil.

ABSTRACT

This study aimed to discuss how the daily notebooks, have become a great ally of the Basic Education teachers in their daily course records, trying to show some of the development of these reflections contained in notes, on day to day living class experienced with their students, their activities and situations that occurred during the weeks. In addition to recording all events applied and lived with the children every day, also serves as a way to save your memories, activities that have worked and also what went wrong, so that over the years, can be relived the memories experienced in the classroom and to the development of instruments in future classes, as each group of children calls for a different kind of care and different ways of teaching. The reviewed notebook, this work brings different classes of reports of teaching done in a private kindergarten school in the city of Rio Claro / SP, as a differentiated way to review the methods themselves, through my experience with the teachers and students in the school environment .

Keywords: Memories. Journal. Teachers. Early Childhood Education Schools.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	METODOLOGIA.....	19
3	FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	21
	3.1 ANALISANDO A PEDAGOGIA DE FREINET.....	21
	3.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	23
	3.3 A NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS.....	25
	3.4 COMENTANDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS CADERNOS DIÁRIOS.....	34
	3.4.1 DESCREVENDO ALGUMAS ATIVIDADES ANOTADAS NO CADERNO DIARIO	36
4	CONCLUSÃO.....	37
5	REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	39
	ANEXO	

1. INTRODUÇÃO

A construção do saber em sala de aula tem sido tarefa árdua e é de extrema importância para os profissionais da educação, pesquisadores apontam em seus estudos propostas para assumir um compromisso transformando a relação entre estas instituições, assim como a realidade da educação escolar transformando o ambiente escolar em algo mais acolhedor e estimulante, onde o aprendizado possa ser algo prazeroso aos alunos.

O caderno diário, muito conhecido das professoras, é parecido com um caderno normal, mas guarda a potência, a força dos conteúdos neles presentes. Memórias, conhecimentos, datas especiais, comemorações, situações comoventes e engraçadas, situações problema, reflexões, sugestões de melhoria e principalmente o planejamento, baseado em tudo o que já foi vivenciado.

Essa iniciativa por parte das professoras ao fazer anotações diárias das vivências em sala de aula se tornou parte do ato de educar, é isso vem a ser uma tomada de consciência necessária para repensarmos nossa vida profissional.

No trabalho do professor, os cadernos diários são inicialmente encarados com dificuldade, mas com o passar do tempo, acabam se tornando uma importante ferramenta de ação e reflexão.

A oportunidade de reler e relembrar, vai além do ver a prática, esse poder de voltar no tempo e reler vivências importantes do nosso dia-a-dia dentro da sala de aula, nos dá a chance de fazer tudo novamente. Ser o dono de seus próprios atos, conquistar assim o poder de refazer suas próprias ações, este seria o ápice das práticas pedagógicas, a questão chave para melhorar a educação, ou até mesmo o momento em que pode criticar-se a si mesmo, sem repressão de outros, um momento seu consigo mesmo. Esta sim seria a grande oportunidade de rever o que foi dado e melhorar o que estaria por vir, aperfeiçoando as tarefas e fazer com que a realidade em sala de aula nos leve diariamente ao ir e vir no espaço-tempo entre estratégias de planejamento e memórias ou recordações dessas situações vivenciadas.

Existem questões que vem a nossa mente, como se ontem tive sucesso com determinada atividade, o que aconteceu hoje, que não deu certo? Porque existe a

conquista de meus objetivos com uma determinada turma, e com a outra não? Como posso fazer para melhorar meus objetivos e conseguir um aproveitamento melhor com meus alunos?

São perguntas entre as quais precisamos encontrar respostas para que se possa fazer com que o relacionamento dentro da sala de aula seja fortalecido e o aprendizado renda frutos.

Este trabalho tem como objetivo o desenvolvimento baseado em estudos teóricos e exemplos do meu caderno diário dentro da escola de educação infantil, na qual faço parte. Onde foi analisado o conteúdo de um caderno diário, como exemplo dessa vivência escolar por parte do professor, para daí então questionar qual seu verdadeiro valor, e se realmente podemos confiar que dele possa surgir ideias melhoradas e que educacionalmente falando farão algum sentido para seus autores e principalmente para as pessoas que serão diretamente afetadas com essa atitude: os alunos.

Assim, também, levantar melhores métodos educacionais, com mais eficácia, para compartilhar com meus colegas de profissão e colaborar para que erros não se repitam nas mesmas atividades propostas e para que acertos não se percam esquecidos nas memórias de duzentos e “tantos” dias letivos, podendo então ser reaproveitados em outros anos, atividades ou situações a que se encaixem.

A vida educacional é provida de erros e acertos diários, cada qual sendo levado a melhorar ou piorar seu desempenho dependendo apenas de atitudes que tomamos frente aos ocorridos, portanto para saber o que fazer seria importante que fizéssemos anotações de tudo, e assim quando necessário pudéssemos lê-las e relembarmos qual foi a situação, qual nossa ação frente ao ocorrido e o que modificar para uma futura reutilização, mas melhorando sempre e adaptando conforme as diferentes turmas de alunos.

Um caderno diário: é o objeto onde se faz anotações expressando verbalmente sobre todos os acontecimentos em nossas aulas diárias, atividades, projetos, avaliações e tudo mais que se achasse cabível neste.

Onde cada expressão dos alunos fosse relatada, seja ela boa ou ruim. Cada atividade de classe tivesse seu espaço explícito, com citações de seus donos dizendo se vale a pena ou não reutilizar e aperfeiçoar, visando atrair atenção cada vez mais de seus alunos e proporcioná-los assim certo prazer em aprender e em contrapartida um melhor aprendizado.

Seria algo significativo na formação de um professor/a, uma maneira diferenciada de se alcançar talvez a perfeição de seu trabalho, a importância ainda maior se daria se cada autor pudesse “olhar-se”, perceber seu trabalho e seus resultados, dando-se assim uma nova oportunidade.

Um professor que inclua a escrita em um registro pode ajudar na formação de um profissional que não só escreva melhor como também possa contribuir para uma formulação cada vez mais refinada das respostas para as questões de seu interesse. (RIOLFI, 2008).

O estudo foi realizado com uma professora de uma escola de educação infantil, situada na cidade de Rio Claro, sendo que seu nome não foi citado, apenas seus relatos feitos nos cadernos serão aproveitados como exemplo para este trabalho, foi material escrito e trabalhado durante todo o ano de 2011.

Partindo do ponto em que profissionais da área da educação e não só estes estão perdendo seu foco e perdendo a essência de sua profissão, venho por meio deste estudo provocar e colocar indagações sobre um método de retomar memórias a tempo esquecidas e colocá-las novamente em prática tendo como meta melhorá-las e até mesmo compartilhá-las com outras pessoas para que muitos mais saibam quão grande é a importância de estudarmos-nos e analisarmos nossas próprias ações.

Seria como estarmos relatando apenas aspectos de nossas vidas, dias bons ou ruins, um diário mesmo, onde colocamos situações que ocorreram conosco a cada dia que se passa, uma conversa consigo mesmo e sensações que sentimos com os momentos vividos.

A questão maior é saber como usar isso a nosso favor, como nos apossar de tantos momentos que talvez ficaram um tempo esquecidos e torná-los vigentes novamente. A sensação inicialmente seria de um *dejavu*, um retorno instigante ao que já havia sido deixado para trás, mas depois ao tomarmos consciência de tal preciosidade seria o momento perfeito de direcionarmos nossa atenção ao fato de que tudo poderia ser retomado e repensado de forma a modificarmos nossos atos e assim melhorá-los de maneira a adequá-los a todas as situações.

Todos nós sabemos sobre a dificuldade de se estar em uma sala de aula heterogênea e estarmos frente a questões socioeconômicas, a questão é que se pede para entrarmos e entendermos a realidade dos alunos, mas não temos no que nos apoiar e nos deparamos a situações que pedem nossa maior atenção e

dedicação, então porque não refletirmos sobre nossas práticas e analisarmos um modo de melhorá-las?

O professor em sua busca por meios diferentes de influenciar de forma benéfica seus alunos seja por novos e inovados métodos, ou seja por antigos e antes esquecidos, mas, melhorados e adequadamente encaixados para qualquer tipo de alunos. Por isso a importância de tais memórias e recordações serem guardadas para eventuais situações.

A narrativa na formação de professoras e de pesquisadores na escola mostra que os diários de viagem, aqui defendido traz em seu conteúdo a ideia da formação de um professor-pesquisador que, reconhecendo-se como sujeito, pesquisa sua própria prática de forma a refletir e poder transformá-la, e de um pesquisador-professor, estando pesquisar desloca seu olhar para outro lugar e para as experiências de outro professor/a com quem deseja dialogar.” (FERNANDES, PRADO 2008, p. 17)

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi desenvolvido com base em informações obtidas em alguns cadernos diários de uma professora, onde se encontram os relatos das atividades do ano de 2011 em seus aspectos positivos e negativos

Além da pesquisa inicial, procurou-se em artigos e livros, disponíveis na literatura, o embasamento necessário para abordar como os registros feitos nos cadernos diários que levam os professores a rever as práticas vividas em sala de aula e o porque de terem começado a ser usados, se casualmente, voluntariamente, ou obrigatoriamente, se isso ajuda, traz mais experiência em trabalhos futuros. E dessa forma que é caracterizada como uma pesquisa documental, com a análise de documentos para a elaboração do trabalho.

Uma pesquisa documental é realizada buscando fontes como (tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza – pintura, escultura, desenho, etc.), notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos. (SANTOS, 2000)

Uma análise documental é uma técnica importante na pesquisa qualitativa, complementando informações obtidas por outras técnicas, expondo novidades de tema ou problema. (LUDKE e ANDRÉ, 1986)

Segundo Gil (2002, p.17) o método de pesquisa é definido como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas as questões que são propostas, sendo que a pesquisa é desenvolvida mediante a disposição de conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002 p. 45)

Uma pesquisa documental apresenta uma série de vantagens, em primeiro se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Outra vantagem da pesquisa documental está em seu custo. Como a análise dos documentos, em muitos casos, além da capacidade do pesquisador, exige apenas disponibilidade de tempo, o custo da pesquisa torna-se significativamente baixo, quando comparado com o de outras pesquisas. (GIL 2002)

Nem sempre fica clara a distinção entre a pesquisa bibliográfica e a documental, já que, a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público. Além do mais, boa parte das fontes usualmente consultada nas pesquisas documentais, tais como jornais, boletins e folhetos, pode ser tratada como fontes bibliográficas. Nesse sentido, é possível até mesmo tratar a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa documental, que se vale especialmente de material impresso fundamentalmente para fins de leitura. (GIL, 2002, p. 46)

Mesmo tendo uma série de limitações um pesquisador experiente, tem condições para, ao menos em parte, contornar essas dificuldades, em função dessa objetividade que é mais crítica, contudo, esse aspecto é mais ou menos presente em toda investigação social.

Com relação a problemática vale a pena lembrar que algumas pesquisas documentais se tornam importantes, não só por responderem as questões existentes e resolverem definitivamente esse problema, mas porque nos dão uma melhor visão desse problema ou, então a hipótese que conduzem a sua verificação por outros meios. (GIL 2002)

Com uma série de vantagens, podemos considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Por serem resistentes ao tempo os documentos se tornam a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.

Outra vantagem da pesquisa documental é não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que em muitos casos o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível. Em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o contato. (GIL 2002)

3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES

3.1 Analisando a pedagogia de Freinet

Segundo Elias (2004) a Pedagogia Freinet traz uma proposta pedagógica sobre a modernização da escola, para que assim se marque uma evolução através de valores tendo alicerce no bom senso, onde a própria escola pública (escola do povo) deve ser modernizada visando atender as necessidades do povo, evidenciando meios que revolucionariam de uma forma geral a educação tanto à escola em particular como a pública, estabelecendo uma verdadeira relação professor-aluno.

Essa mudança tende a ser um movimento contra a tradicional idade da escola, onde a sala de aula passa a ser o lugar onde professor e alunos discutem conjuntamente, em clima de harmonia e disciplina, tanto os conhecimentos básicos da aprendizagem, como os problemas da vida cotidiana.

Essa é um tipo de educação onde se encontram respeito ao indivíduo e a diversidade reencontrando a identidade do próprio ser humano através da individualidade de cada um; respeitando as crianças como elas são, e não fazendo com que se submetam aos modelos pré-estabelecidos e que as ajuda na formação de sua personalidade. A pedagogia de Freinet (1979) é real e concreta procurando oferecer às crianças e aos adolescentes uma educação condizente com as suas necessidades e mediante as práticas cotidianas. (ELIAS, 2004)

Dentro do conceito do autor podemos ver que a escola tem que procurar responder aos anseios individuais, sociais, intelectuais, técnicos e morais da vida desse povo, numa sociedade em pleno desenvolvimento tecnológico e científico. Essa pedagogia tem como objetivo formar pessoas mais responsáveis, sendo capaz de agir e interagir no seu meio; um ser humano que seja apto a contribuir na transformação da sociedade. Para tanto, na sua prática educativa, tem primazia o desenvolvimento do espírito crítico, o questionamento das ideias recebidas, o espírito de curiosidade. (ELIAS, 2004)

A teoria básica e as linhas de ação usada por Freinet (1979), situam o homem como centro das atenções, de uma forma que possa aumentar sua dignidade, dentro de uma possível realização plena da sua personalidade, vivenciada no meio social

ao seu redor, a qual não se dá em meio ao vazio de uma ação educativa sem rumos concretos, dessa forma ele estabelece rumos e bases concretas para apoiar seus princípios.

A Pedagogia Freinet (1973) é conhecida e praticada a mais de cinquenta anos em muitos países da Europa, mesmo não sendo nova e atual, se permite renovar, pois se trata de um movimento pedagógico de professores através da troca de experiências onde ela possa se atualizar constantemente. Freinet (1979) não usa regras fixas ou rígidas, mas coloca princípios básicos que ajudam a nortear o ensinar e o aprender, e as relações que a criança estabelece com o conhecimento, dessa forma o autor coloca que sua proposta pedagógica é concebida em três fases que devem interpenetrar-se e completar-se:

A experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1979, p. 354-355)

Segundo Freinet (1979) a expressão livre deve ser valorizada, com os alunos, que devem ter a oportunidade de expressar e exercitar sua criatividade para exprimir seus sentimentos, emoções, impressões e reflexões, dando suporte para essa liberdade através da palavra oral e escrita, a música, a pintura, o teatro, o autor coloca em sua obra o uso de diferentes recursos para incentivar a criança no seu livre desenvolvimento em sala de aula como: máquinas fotográficas, projetor de diapositivos, câmeras, toca-discos.

Ao se estudar a pedagogia de Freinet (1979) e poder trabalhar com ela, o professor sente em seu conteúdo mais do que uma simples proposta pedagógica – ela passa a ser quase uma filosofia de vida, onde a criança passa a ser vista como um ser autônomo, livre e com capacidade de escolher, sob orientação e de acordo com seu próprio interesse, as atividades que serão desenvolvidas, pois passa a ser desde muito cedo capaz de opinar e fazer críticas sobre fatos ou assuntos que lhe são expostos. Através de Freinet é dado o direito a criança de raciocinar em meio a tudo aquilo que ela vivencia ao ser proposto, passando a ser uma experiência mais

significativa, o livre arbítrio deve ser respeitado entre as crianças, assim como as escolhas e recusas, mas sempre sendo analisado os motivos desta ou daquela decisão. Freinet (1979) coloca que assim como o adulto a criança, tem em seu interior uma consciência moral, e a função do educador é ajudar a desenvolver e aprimorar essa moral primitiva. O conhecimento da prática e do trabalho da pedagogia de Freinet ajuda a presenciar um dos direitos do ser humano: o de ser respeitado e valorizado, ou seja, com direito de desenvolver a capacidade criativa e imaginativa que cada pessoa tem dentro de si, o autor coloca que quando as crianças que crescem sob essa pedagogia, passam a ser mais criativas e ousadas do que aquelas que são educadas sem que seus direitos humanos sejam respeitados.

3.2 Formação de professores

Falando um pouco sobre formação de professores tomo por base os estudos realizados por Chaluh, que escreveu um artigo intitulado: Encontros e formação: sentidos de empoderamento. Onde ela relata suas experiências com um grupo de alunos em pedagogia no curso da Unesp.

Neste texto a autora fala sobre o conceito do *empoderamento* e socialização das práticas pedagógicas que podem favorecer que o sujeito fale, assuma uma posição, se mostre a partir da palavra. Para Chaluh, em seu trabalho de formação inicial com futuros professores, que passou a coordenar com grupos desde março de 2010, que tem como base um projeto de extensão que se intitula “Grupo de Formação: Diálogo e Alteridade” (em andamento), do qual participam alunos da Licenciatura em Pedagogia, onde a meta é ajudar esses iniciantes na sua formação profissional, nesses encontros a autora procura promover um ambiente de diálogo que favoreça a reflexão, a pesquisa e a escrita e sistematização de acontecimentos *vividos* no cotidiano escolar.

Em depoimento Chaluh , comenta aos seus alunos sobre a possibilidade de serem inseridos no cotidiano escolar e poder vivenciar um aprendizado dentro do ambiente educativo, de forma que o projeto seja extensão do curso coordenado pela autora que visa dar apoio a formação dos professores com a participação em duas

estâncias para obtenção de um maior conhecimento da vivência em uma escola em dentro do projeto de pesquisa que desenvolvido em uma escola de ensino fundamental da prefeitura de Rio Claro e um curso de extensão coordenado pela autora para educadores da rede de ensino de Rio Claro. (CHALUH, 2011)

Essas práticas são feitas em encontros semanais do projeto de extensão com a intenção de resgatar experiência dos alunos, seja na escola ou no curso de extensão. Esse resgate traz reflexões como ponto de partida sobre a problematização a respeito da educação, e passam a ganhar sentido quando é vivida e revivida dentro do cotidiano da vida do educador. E é assim que podem ser feitas as escolhas das leituras de textos relacionados com as problemáticas elencadas pelos alunos.

Dentro do contexto do projeto de extensão, a autora promove situações que desenvolvam o trabalho coletivo e a participação dos alunos na tomada de decisões, em questões da onde a vida e o trabalho em grupo é um exercício que deve ser valorizado por professores de futuros professores. Citando o movimento pela busca da autonomia coletiva docente (DAVINI, 1995), dentro da gestão de uma escola democrática, da constituição de um professor *comprometido* tem que ser *vivido* no cotidiano da Universidade e potencializado dentro desse âmbito. (CHALUH, 2011)

Assim nesse sentido esse projeto do qual a autora é coordenadora coloca situações legítimas vivenciadas que vão trazer muita experiência no processo de formação aos novos docentes.

Segundo a autora a partir de fevereiro de 2011, os alunos que participam do projeto de formação contam com um novo diferencial onde se poderão ver aspectos fundamentais dos processos formativos desencadeados na formação inicial dos futuros professores sendo abordadas pela autora questões relacionadas com: a centralidade da linguagem e da interlocução, reconhecimento dos *outros* e da *coletividade* e o *empoderamento* através da palavra no diálogo com BAKHTIN (1999, 2003, 2010a, 2010b).

Não para socializar experiência com os alunos, mas sim um encontro com o colaborador do estágio pós-doutoral, o professor Valdemir Miotello, com a intenção de mostrar a colaboração e os diálogos estão permeados/atravesados por acontecimentos *vividos* com os nossos próprios alunos e ainda, para mostrar que esses acontecimentos deixam em evidência o quanto pensar no *vivido* com os nossos alunos nos faz refletir acerca das práticas que instituímos como professores,

formadores ajudando na formação de novos professores com nossa experiências e vivências.

Segundo Chaluh (2011) nesses encontros semanais do projeto de extensão, são feitas socialização das experiências vividas, dentro do projeto e a partir de leitura de textos, a autora e seus alunos procuram buscar embasamento teórico para as discussões e ações dentro do contexto escolar e fazendo levantamento bibliográfico que de meios para subsidiar as questões que são estudadas na escola e ou no curso com os educadores, ressaltando a importância da escrita no contexto do projeto de extensão.

Assim de acordo com a autora como a prática da escrita ocorre em diferentes formas, servem como experiências para que sejam avaliadas e contadas as dentro da escola e do curso em si.

3.3 A Narrativa na formação de professoras

No artigo A narrativa na formação de professoras e de pesquisadores na escola: diários de viagem escrito por Fernandes (2008), nos leva a conhecer um pouco da história da educação no país e a formação de professoras que foram marcadas por consequências de um projeto nacional justificado pelo desenvolvimento de uma ideia de desenvolvimento, tendo então diversas consequências onde se evidencia a desapropriação das profissionais em seu fazer e saber tendo-se como premissa a ideia defendida de que os rumos para a educação e o futuro das crianças e jovens deveriam ficar nas mãos de avaliadores externos à realidade das escolas.

Atualmente essa consequência vivenciada pelas condições de trabalho, encontram-se turmas numerosas de alunos dificultando o ensino em sala de aula, com ampliação das atribuições profissionais; dupla, em alguns casos tripla jornada de trabalho; burocratização do trabalho pedagógico; precariedade das escolas; baixos salários.

Dentro da história e da profissão, a educação atualmente tem buscado um reconhecimento tanto da escola como dos saberes de suas profissionais, que constroem no exercício da profissão diário relações com seus alunos. Essa contribuição dada pode em muito contribuir para as narrativas sobre a escola e a docência que podem proporcionar uma reflexão de aprendizado e coletiva das professoras

sobre seu trabalho, bem como dos pesquisadores sobre o encaminhamento dado à pesquisa e, por isso, pode assumir um caráter formativo para estes profissionais. (FERNANDES, 2008)

Então no artigo a autora questiona várias interrogações sobre o cotidiano e a vivência escolar dos professores. Mas qual a possibilidade de tratarmos, na escola, de formação profissional⁴ e de que “formação” falamos? Qual a relação entre a formação das professoras e a pesquisa educacional? E ainda: qual a relação entre a pesquisa e a constituição do pesquisador da /na escola? Em algumas concepções e práticas de pesquisa educacional foram historicamente construídas no afastamento entre pesquisador (“sujeito”) e pesquisados (“objetos”) e no estabelecimento de lugares hierárquica e verticalmente determinados, o que se caracterizava pela submissão da escola e de seus profissionais a um saber produzido para a escola e sobre ela de forma alheia aos seus fazeres. (FERNANDES, 2008)

A reconstrução da história da educação é uma tarefa difícil e importante para que os profissionais de educação professores ou pesquisadores possam avaliar como essas transformações são vivenciadas dentro das escolas e ou nas universidades, propondo uma forma descompromissada e coletiva, a ajudar na transformação mudando a realidade escolar nas instituições.

Defendendo a ideia de que a formação de um professor-pesquisador, a autora reconhece que a vivência e a prática muda o olhar direcionando para outro lugar e mostrando que as a reflexão transforma o mundo a sua volta e faz com que o professor passe a transmitir suas experiências para outro professor através do diálogo e da narrativa. A reflexão sobre a narrativa dentro da formação de professoras e de pesquisadores, e o papel dela nesse contexto é tido como referência na pesquisa feita pela autora com seus alunos em uma escola pública, sendo feita pela reflexão conjunta, no contexto da escola, sobre as práticas realizadas. Assim investigaram-se espaços coletivos e foi optado pela narrativa para passar os resultados desses encontros, as entrevistas realizadas com as professoras, se textos dos mesmos produzidos em diferentes gêneros. (FERNANDES, 2008)

Assim o simples fato de narrar, mostra uma vivência que envolve a recaptura de concepções e práticas e resgatando as trajetórias pessoais e profissionais, o que é de fundamental importância para a formação profissional das professoras. Dentro

desse processo de formação em contexto, os encontros e diálogos entre estes profissionais propiciou a oportunidade de serem feitas reflexões que podem promover as transformações necessárias à construção de uma escola de qualidade e de outras formas de aproximação entre a escola e a universidade. (FERNANDES, 2008)

Na pesquisa que aqui relatamos, a narrativa foi a forma escolhida para o diálogo com as professoras, objetivando o (re) conhecimento do espaço escolar pelos sentidos dados por seus sujeitos e propondo o estabelecimento de uma ponte entre as mesmas e seu saber. Significou também a reflexão dos próprios pesquisadores sobre seu trabalho e encaminhamento dado à pesquisa. (FERNANDES, 2008)

Assim ao analisarmos os aspectos positivos encontrados nesse artigo, vemos que a opção pela construção de texto sob forma de narrativa, traz um enriquecimento aos conteúdos aprendidos dentro dos cursos de formação profissional para professores, ensinando de forma prazerosa e emocionada um comportamento que torna a vivência em sala de aula mais autêntica e emocional pois essa troca de experiência interfere no dia a dia do profissional e de seus alunos.

Carvalho (2011), em seu artigo faz considerações sobre a importância da filosofia nos discursos educacionais, caracterizada como transposição, dentro do campo das teorias em educação, visando as diferentes práticas articuladas a partir de visões metafísicas, ontológicas ou políticas, articuladas partindo de um quadro sugestivo de reflexão onde se discute as entre a teoria e prática dentro dos meios educacionais, que se vincula como risco da visão abstrata dentro do campo de investigação, sobre as relações em meio a teoria especulada na formação de professores, variando a complexidade de vínculos que nos permitem generalizar técnicas abrangentes e que possam elucidar m generalizações que possam aparecer no campo de relações entre teoria e prática nessas duas modalidades específicas de argumentos voltados ao estudo do tema em si.

Dentro dos meios acadêmicos mais sofisticados, vê-se que essas modalidades de discurso continuam exercendo significativa influência em programas de formação inicial e continuada de professores. Ademais, sua recente substituição por novas matrizes teórico-conceituais – como a “pedagogia das competências” – não tem representado ruptura significativa em relação aos pressupostos e elementos estruturais que serão objeto de análise crítica nas considerações que se seguem.

Segundo o autor as teorias construtivistas se mostram contrárias aos discursos filiados à pedagogia das competências, vindo sempre acompanhada de uma apresentação teórica, igualmente forjada em abstração da cultura escolar (das práticas pedagógicas e dos valores e princípios historicamente vinculados aos ideais da cultura letrada e da escolarização), sinalizando, assim, antes para uma continuidade acrítica do que para uma superação dos modelos precedentes. (CARVALHO, 2011)

Dentro dos discursos educacionais, existem casos que se mostram contra as mudanças das práticas educacionais escolares então na perspectiva o que se vê é a experiência escolar, sendo concebida como mecanismo de conformação ao mercado de trabalho de uma sociedade consumista em que a cultura do trabalho escolar, é simplesmente como um fato relacionado aos discursos pedagógicos que marcaram a segunda metade do século XX permanecendo intocado, a despeito da nova – mas talvez ainda mais frouxa – roupagem a vestir os modismos do discurso pedagógico contemporâneo. (CARVALHO, 2011)

O professor, consciente ou inconscientemente, se vincula a uma educação teria dentro das visões filosóficas de homem, de sociedade e de conhecimento. A tarefa de uma “teoria da educação” seria oferecer aos professores modelos alternativos entre os quais ele optaria, orientaria e justificaria sua ação; portanto teorias educacionais sobre as quais sua prática se fundamentaria segundo Carvalho (2011), essa filosofia sempre fez parte dos discursos educacionais inspirando uma série de teoria voltadas a formação de professores, vinculada aos conceitos as grandes questões políticas, epistemológicas e éticas para o âmbito das preocupações teóricas e práticas da educação escolar, essas tentativas, inspiraram os pensadores na busca através dos sistemas filosóficos e conceituais de medidas práticas, que serviriam de modelo para as abordagens de ensino, ou ainda de perspectivas de políticas educacionais, e assim criar um modelo influente de *discurso pedagógico*, onde se estabelecia objetivos e procedimentos da ação educativa a uma determinada visão de homem, valores e sociedade.

Essa teoria de concepções filosóficas vem de modelos impostos especificamente em um modelo específico de discurso pedagógico fossem criados por pedagogos e teóricos da educação, tiveram em John Dewey (1859-1952) e Immanuel Kant (1724-1804), por exemplo – os próprios filósofos tenham se encarregado desse tipo de articulação. Nessa modalidade de discurso educacional –

ainda presente, embora em declínio –, postula-se que, a uma determinada concepção de homem, sociedade, conhecimento, deveria corresponder uma concepção de escola, aluno, avaliação etc. (CARVALHO, 2011)

Em síntese, a cada grande “sistema” ou “teoria” sobre o “homem” corresponderia uma determinada “visão de educação”, “deduzida” desse campo conceitual e de seus ideais ético e assim correntes que integram essa modalidade de discurso dividem um mesmo pressuposto: que é possível, a partir de concepções fundamentais de uma visão filosófica de homem, de sociedade e de ética, derivar ou mesmo “deduzir” uma concepção precisa de educação, e dela partir para doutrinas operativas e sugestões de práticas pedagógicas. A aceitação de tal pressuposto, contudo, exige cautelas. O argumento que parece sustentá-lo é o de que visões díspares desses aspectos engendram concepções e práticas educativas igualmente díspares. Assim, uma visão cristã de mundo, por exemplo, teria implicações educacionais radicalmente diferentes daquelas fundadas numa visão materialista. Poderíamos então inferir que, enquanto no primeiro caso, a instrução religiosa pode ser vista como elemento fundamental da formação ética, no segundo, essa ideia pode soar como estratégia de difusão de uma “ideologia”. (CARVALHO, 2011)

Carvalho (2011) coloca como sendo inegável que certas concepções éticas, políticas ou epistemológicas, possam apresentar um quadro considerado importante e significativo na realidade, em seu conhecimento e na conduta humana, têm influência sobre, por exemplo, uma política curricular ou até sobre a aceitação ou rejeição de certas práticas pedagógicas. O autor continua dizendo que essas relações tem diferentes visões filosóficas e concepções de práticas educacionais citando Kneller (1966, p. 82) mostrando esse tipo de crença, ao afirmar que:

A filosofia educacional depende da filosofia formal porque quase todos os grandes problemas da educação são, no fundo, problemas filosóficos. Não podemos criticar os ideais e as diretrizes educacionais existentes, nem sugerir novos, sem atentar a problemas filosóficos de ordem geral, tais como a natureza da vida boa, que é um dos alvos da educação; a natureza do próprio homem, porque é o homem que estamos educando; a natureza da sociedade, porque a educação é um processo social; e a natureza da realidade suprema, que todo conhecimento procura penetrar [...]. O filósofo educacional pode estabelecer tais teorias deduzindo-as da filosofia formal e aplicando-as à educação.

De certa forma não se trata do caso isolado de um único autor, mas a ideia parte de que usando esses grandes temas, onde teremos condições de “aplicar”, “deduzir” ou estabelecer linhas de uma atuação prática dentro do contexto educacional, generalizando as obras brasileiras que possam dar apoio a formação de professores, se baseando nas diferentes teorias com uma nova perspectiva teórica dentro de uma “visão pedagógica” onde o professor possa agir consciente ou inconscientemente, mostrando uma concepção de educação vinculada a certas visões filosóficas de homem, de sociedade e de conhecimento.

Essas discussões sobre a democratização da educação, vem já a segunda metade do século XX, ilustram os limites da transposição mecânica de conceitos e da aplicação acrítica de práticas de um campo social – a “política” em sentido estrito – a outro: as práticas pedagógicas de uma instituição escolar.

A insistência – presente ainda hoje – em identificar a “democratização da educação” com a mera implantação de métodos pedagógicos e ritos de escolha, como assembleias e eleições, supostamente capazes de cultivar a liberdade do educando, tem resultado no empobrecimento tanto das discussões acerca do conceito de democracia como das que examinam seu vínculo com as práticas educacionais. Seja qual for o valor educativo dessas práticas, sua realização dentro do entorno escolar nunca ultrapassará o estatuto de simulacro de democracia; de *faz de conta pedagógico* (AZANHA, 1986 *apud* CARVALHO 2011) no qual a liberdade interna da vontade individual é tomada como análoga à liberdade como fenômeno político. Nessa perspectiva, despolitiza-se a questão crucial da democratização do acesso a um patrimônio cultural público em favor de um ideal pedagógico de criação de relações interpessoais supostamente “democráticas” porque alegadamente “igualitárias”.

Carvalho (2011) traz em seu artigo as visões conceituais de diversos autores, mostrando a importância da formação profissional tendo como tema ilustrativo uma modalidade de discurso pedagógico no qual a apropriação dos resultados de uma investigação teórica é feita em abstração de seus processos, contexto e interesses. O autor mostra uma busca constante de um *modo de pensar* a especificidade do campo educação, mas uma forma de “aplicar” aos discursos e práticas pedagógicas os resultados de uma investigação teórica originariamente forjada a partir de outros campos e interesses.

Dentro dessa perspectiva, a filosofia deixa de ser um *modo de interrogar* a educação, para se tornar em uma prática, onde se constrói *respostas* aos problemas que lhe são diferentes daqueles que lhe deram origem. Dessa forma Carvalho (2011) cita outros autores que exploraram o desenvolvimento das ciências humanas, ao longo dos séculos XIX e XX, impulsionou a esperança de que a aplicação de seus *modi operandi* ao campo da educação pudesse trazer inovações teóricas e práticas análogas às que então marcaram as investigações e práticas médicas. Já em 1911, Robert Rusk afirmava que: “quando os novos métodos de investigação [...] de educação experimental se tornarem generalizadamente aplicados e os resultados universalmente aceitos, deixar-se-á de impugnar à educação o direito de ocupar seu lugar entre as ciências” (MORAES, 1997, p. 21).

No Brasil da década de 50, Fernando de Azevedo, ao inaugurar o CRPE-SP, afirmava que naquele momento tinha início uma nova era, na qual “o empirismo, a improvisação e a superficialidade cedem, afinal, o lugar ao espírito e aos métodos científicos nos estudos dos problemas da educação”. O autor ainda traz construtivismo piagetiano, que marcou presença no Brasil, e cita como um exemplo interessante de discurso pedagógico, onde se pretende partir de investigações de cunho psicológico, nortear a produção teórica e as orientações práticas em educação. Nele, objetivos educacionais e procedimentos didáticos subordinam-se a uma teoria do desenvolvimento cognitivo e a uma concepção de infância e aprendizagem que arroga para si o estatuto de investigação científica supostamente capaz de imprimir às teorias e práticas educacionais um novo estatuto epistemológico e um novo desenvolvimento técnico. (CARVALHO 2011)

A obra de Piaget *Psicologia e pedagogia*, expressa a crença do autor na capacidade de progresso das técnicas científicas da educação a partir de investigações empíricas marcaram e – e marcam – o campo da educação cheio de controvérsias de escolhas:

É um problema da pedagogia experimental decidir se a *melhor* maneira de aprender a ler consiste em começar pelas letras, passando em seguida às palavras e finalmente às frases, segundo preceitua o método clássico chamado analítico, ou se é melhor proceder de forma inversa, como recomenda o método “global” de Decroly. Só o estudo paciente, metódico, aplicado aos grupos comparáveis [...] é capaz de permitir a solução do problema. (Piaget, 1978, p. 34)

Carvalho (2011) coloca que os recursos das ciências é concebido como a forma mais adequada de orientar as escolhas práticas em educação. Assim sendo ao fornecer dados sistematicamente submetidos a testes, poderiam apontar a *melhor maneira*, por exemplo, de alfabetizar.

Dessa forma é preciso uma pesquisa que aponte o método supostamente mais *eficaz, rápido ou fácil*, e que segundo o autor seja adaptada com a *melhor* perspectiva de uma formação educacional, onde seja evidente a eficácia, a facilidade ou a rapidez como critérios importantes na adoção de um método de trabalho escolar que seja de caráter formativo e não meramente instrumental, envolvendo uma série de outros valores e princípios. Esse é o caso da alfabetização, se a concebermos não apenas como capacidade ou competência técnica, mas como forma de iniciação na *cultura letrada*. Por isso, rapidez, eficácia e mesmo facilidade não são critérios absolutos e também devem ser julgados à luz dos ideais formativos da escolarização pública. (CARVALHO, 2011)

Segundo Carvalho (2011) relembrar de escritos como *A República* de Platão, onde pelo menos pode-se pôr em dúvida essa ideia, tão alegre acriticamente) aceita, de que, em educação, o caminho mais simples e fácil coincide sempre com o “melhor” do ponto de vista formativo. É perfeitamente defensável que, embora mais lenta e difícil, uma forma de trabalho venha a ser adotada em função de outros valores que consideremos superiores, como o “esforço pessoal” ou mesmo a “disciplina” para o trabalho intelectual. (CARVALHO, 2011)

A educação escolhe diversas formas de trabalho exigindo uma articulação de vários princípios institucionais dentro da natureza formativa, ética e política, que podem inclusive entrar em conflito entre si. Esses princípios podem ser testados para verificar “verdade” ou “falsidade” em uma tese onde o significado educativo de certas práticas docentes, estão dentro da autonomia dos professores na escolha de determinado modo de trabalho seja um valor mais importante a cultivar no contexto da formação educacional do que a suposta eficácia de uma forma de trabalho ou de um material padronizado. Trata-se, nesse caso, não de uma hipótese a ser verificada, mas de um julgamento e de uma escolha que podem ser racionalmente justificados e debatidos, mas não cientificamente testados. (CARVALHO, 2011)

Dessa forma a concepção de educação dentro de um objetivo de pleno desenvolvimento das capacidades psicológicas das crianças e dos jovens parece ignorar ou menosprezar o “mundo escolar” onde se dá o ensino da aplicada às

instituições escolares, mostrando uma visão exterior e abstrata dessas instituições em cujo desenvolvimento das capacidades é visto de forma abstrata dentro do conteúdo escolar específico; a aprendizagem do aluno, em abstração do ensino e das escolhas do professor; o desenvolvimento do jovem, em abstração das condições e dos valores sociais específicos de uma sociedade historicamente determinada. (CARVALHO, 2011)

O autor coloca que decorrente desse caráter abstrato, as recomendações de procedimentos didáticos e educacionais do construtivismo pedagógico raramente têm resultado em alternativas de práticas escolares que sejam simultaneamente operacionalizáveis e significativas. Sendo assim os frequentes *slogans* e palavras de ordem, dentro dos princípios didáticos e orientações metodológicas raramente ultrapassam fórmulas gerais de escasso valor prático para o trabalho do professor. E nem poderia ser de outro modo. (CARVALHO, 2011)

A modificação das práticas sociais escolares, é uma realidade descrita dentro das manifestações mais frequentes, em condições de se mostrar alternativas que as justifique, para que se leve em consideração os valores e condicionantes históricos associados, de um construtivismo educacional, no entanto, tem pretendido levar a cabo reformas educacionais com base no conhecimento psicológico de um dos polos envolvidos nessa relação: a criança que educamos, como se a mera posse das informações acerca de seu desenvolvimento cognitivo pudesse condicionar as práticas pedagógicas, as escolhas curriculares e demais decisões inerentes à complexidade de qualquer proposta educacional. Assim, o construtivismo pedagógico parece postular que as práticas escolares seriam decorrentes dos conceitos de criança, inteligência, desenvolvimento etc., de forma que a renovação desses conceitos nas representações dos professores teria como resultado a renovação de suas práticas. (CARVALHO, 2011)

Vendo essa relação teórica entre as concepções dos professores e suas práticas escolares como sendo muito frágil se concebe que as transformações dentro das práticas educativas são decorrentes dos novos conceitos e princípios, aonde se ignora todo conceito de uma proposição onde o grau de generalidade que não pode conter especificações que a adapte aos detalhes de um fato particular.

A análise feita sobre esses três artigos, mostra a importância da vivência escolar para os futuros pedagogos, e toda sua experiência adquirida ao longo de seu trabalho quando se dedica a ensinar crianças, e baseando-se nessa experiência

é que os professores conseguem se reeducar e aprender mais para passar a frente dentro da sala de aula conhecimentos que vão melhorar seu desempenho entre os alunos.

O ensino infantil se dá por meio de várias atividades, desde as mais simples até as mais complexas, por exemplo: lavar as mãos antes do lanche; escovar os dentes; as realizações relativas ao calendário escolar simbolizado no dia da árvore, dia do soldado, dias das mães; a memorização de conteúdos como números, letras do alfabeto, cores, que são traduzidas em canções de modo que esse trabalho garanta à criança a possibilidade de vivenciar e sentir por meio de expressão e forma de conhecimentos acessíveis, e é assim que por meio dos registros feitos em seu caderno diário que o professor pode voltar no tempo e ver experiências que deram certo e reaproveita-las novamente, agregando valores e conhecimento ao seu campo profissional.

3.4 Comentando a experiência contida em um caderno diário

A cada caderno que a professora preenche existe uma sensação diferente, a questão é que cada professora escreve da sua maneira seus relatos do dia-a-dia em sala e as atividades de formas variadas.

É interessante perceber como podemos colocar nosso pensamento e relatos dos dias vivenciados de modos diferentes, cada qual da melhor maneira a seu entendimento.

O caderno diário é bem específico, relata os dias em que serão feitas as atividades, cada local em que vou estar com as crianças, os detalhes desenhados a por mim mesma, como será confeccionado um cartaz de boas-vindas por exemplo e todas as atividades são assim, eu me preocupo em cada detalhe registrado para que a diretora da escola possa estar a par de todo trabalho que será realizado com as crianças.

A semana começa com um planejamento semanal dia a dia com todas as atividades práticas e lúdicas, passada a semana temos que fazer um relato resumido de tudo o que aconteceu durante a semana, se as atividades deram certo ou não, o que deu certo e o que não deu é preciso rever e encontrar os erros, corrigir e mudar para melhorar, a diretora então avalia e dá sua opinião sobre tudo

o que aconteceu, deixa um comentário no próprio caderno e alguma mensagem. Todos os cadernos diários das professoras passam pelas mãos da diretora, e a diretora sempre interfere e ajuda no que pode quando necessário.

As professoras precisam ser detalhistas no que é feito, só de ler o que este escrito e relembrar as atividades podemos entender com mais clareza nossas atitudes e buscar novas atividades para aplicar com os alunos, coisa bem legais e diferentes.

Os relatos são tanto de atividades, como do comportamento das crianças durante a semana e durante as atividades propostas, também é um planejamento semanal e diário falando tudo o que será feito com as crianças desde atividades práticas, até as brincadeiras que serão feitas.

São muitas atividades interessantes, brincadeiras divertidas, são cadernos tão ricos em seus conteúdos que pude me perder por alguns instantes e por várias vezes lendo-os.

Em cada página um episódio diferente, em cada linha uma aventura dentro de memórias que até parece que faço parte delas.

E pensar que inicialmente me sentia forçada a escrever meu caderno, e hoje vejo os benefícios que ele me traz, estou em constante pesquisa de minhas práticas, revejo todos os meus erros e acertos, corro atrás dos “prejuízos” para concertar o que acho possível reaproveitar e assim faço, desfaço, refaço conforme acho necessário para mim e para as crianças, afinal eles são meu público alvo, é a eles que direciono meus aprendizados e tudo de bom que posso transmitir a eles como educadora.

Faço muitas vezes como diz Colussi (1999, p. 67): Reconstruindo uma experiência em alfabetização na periferia: o olhar de uma professora-pesquisadora, “A memória é um registro em forma de texto. Nele, colocamos nossas observações do cotidiano da sala de aula, questões e tentativas de análise desse material. A memória denuncia situações do cotidiano, faz interlocuções, organiza o pensamento, facilita a reflexão e reencaminha o processo pedagógico, podendo, assim, ser instrumento qualificado para a construção de conhecimentos pedagógicos”. E assim o caderno diário para mim, uma maneira de reconstrução pedagógica.

3.4.1 Descrevendo algumas atividades anotadas no caderno diário

A anotação feita em um caderno diário começa com o planejamento das atividades feito pelas professoras que se reúnem para esse planejamento, e após as atividades são colocadas em prática com as crianças, ao longo da semana.

Atividades para o pré II

Atividades como, brincadeiras, oração, roda de conversa, leitura de histórias e após as crianças fazem em sala a ilustração da história ouvida; prova de matemática, cantigas de roda e almoço; brinquedoteca; história com fantoches; trabalhando as vogais em sala de aula; matemática soma e numeração trabalho realizado com frutas; recorte, circular palavras, dobraduras.

Atividades com o pré III

Leitura de poesias, completar e contar palavras, prova de português, pintura, jogos, músicas, rimas, dobraduras, matemática soma usando frutas, desenho, atividades educativas, datas festivas, comemorações; leitura de livros; colagem; oração com as crianças no início das aulas todos os dias; pintura, massa de modelar.

Atividades com o Maternal I

Brinquedos, pinturas, hora da história, hora do lanche, brincadeira com letrinhas, brinquedoteca, brincadeira no pátio da escola, hora do soninho, lanchinho, sala de jogos.

As professoras fazem planejamento para todas as atividades educativas e comemorativas de forma que se conscientize a criança as práticas sociais.

4. CONCLUSÃO

Analisando as práticas escolares contidas em cadernos diários podemos ver o dia a dia das professoras como sendo um eterno aprender, conhecer, construir, saber, ensinar, formar, informar, transmitir conhecimento adquirido ao longo dos anos de sua formação e aprendizado profissional e aplicado em sala de aula com seus alunos, pois o professor aprende um pouquinho todo dia baseado nas vivencia com seus alunos.

Assim sendo essa discussão em torno das mudanças nas práticas educativas da nossa sociedade, e na escola, abre discussões, que passam pelas reflexões de metodologias, pedagógicas, psicológicas e também em transformações dentro da cultura social em que vivemos, mostrando a vivencia dentro dos corredores das escolas por professores e alunos onde se deve focar a realidade dos debates escolares sobre o que fazer na e pela educação e como contribuir para que essas mudanças possam ser efetivamente feita e aplicada e não apenas fique nas teorias propostas, em leis, artigos e políticas que se distanciam cada vez mais da realidade educacional, que a cada dia que passa se torna mais complexa e multifacetada, onde se exige muito do professor.

Dessa forma ao se refletir sobre a formação de professoras podemos ter como referência entre os autores estudados, sobre a importância da formação do docente como uma reflexão conjunta, no contexto da escola, tendo as narrativa desses encontros, como experiências de vivencia no contexto escolar que muito contribui para o crescimento profissional de professores ávidos por ensinamentos e aprendizado para melhorar suas práticas educativas em sala de aula, que ajuda nas concepções e práticas do resgate de trajetórias pessoais e profissionais, mostrando como é fundamental para a formação profissional das professoras o contexto desses encontros onde as experiências são dialogadas e refletidas ajudando a promoção da construção de uma escola com mais qualidade.

É claro que algumas questões têm características individuais e de grupo que podem influenciar diretamente nos acontecimentos vivenciados no nosso dia a dia escolar, além do que os aspectos socioculturais e familiares também são fatores que influenciam de forma determinante os resultados. Porém, temos que levar em conta que é através desses registros que podemos ver a possibilidade de reestruturar

nossas atividades e encontrar soluções práticas de acordo com cada turma e faixa etária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Questões de literatura e de estética**. (A Teoria do Romance). São Paulo: Hucitec, 2010b.

CHALUH, Laura Noemi. **Futuros professores: um processo coletivo de formação**. In; GEGE. No prelo. 2011. Disponível em:<<http://eebaeducacao.blogspot.com.br/2011/10/laura-noemi-chaluh.html>>. acesso em: 15/12/2014.

CARVALHO, José Sérgio F. **A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais**. 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a03.pdf>>. Acesso em: 12/12/2014.

DAVINI, María Cristina. **La formación docente en cuestión: política y pedagogía**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1995.

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Celestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. 7. Ed. Editora vozes. Petrópolis. 2004.

FERNANDES, Carla Helena; PRADO, Guilherme do Val Toledo; **A narrativa na formação de professoras e de pesquisadores da/na escola: diários de viagem: revista Educação Unisinos**, volume 12, número 1, janeiro/abril 2008.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

FREINET, E. **Nascimento de uma Pedagogia Popular – Métodos Freinet**. Lisboa: Editorial Estampa, 1969.

FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão - Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas.2002.

Kneller, George. *Introdução à filosofia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. São Paulo: EPU, 1978.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores - Saberes da Docência e Identidade do Professor.** Disponível em: revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/50/46. Acesso em 30/09/2015.

RIOLFI, Claudia Rosa e GOMES, Kelly de Oliveira; **Memórias de uma professora: a intimidade da escrita:** revista Horizontes, Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco Volume 26 Número 1 Janeiro/Junho 2008.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica:** a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ZABALZA, Miguel A.; **Qualidade em Educação Infantil,** Editora: Artmed, Ano: 1998.

ZABALZA, Miguel A.; **Diários de aula,** Editora: Artmed, Ano: 2004.

Anexo

Plano de trabalho da semana 3105 - 13/05/2011

Infantil I

Segunda-feira

Brinquedoteca, leitura, Oração, roda da conversa.

Ritmo do conhecimento, lanche e história.

Sala. Ritmo pag 14 montar o quebra cabeça.

Brincar com o brinquedo, almoçar e descansar.

Terça-feira Brinquedoteca, Oração, roda, brincar com o fog de litas, ritmos, apoiando a expressão do nome deles da mamãe. Lanche e história.

Sala de aula: Inglês Inf. I pag 55 recortar e colar o porta retrato da mamãe e recortar as palavras sobre a family. Na folha de linguagem escrever a mensagem para a mamãe:

NOME

FAZEU UMA FRASE PARA A MAMAE

MAMAE VOCE É A FLOR

MAMAE BOLA DO JARDIM

NO JARDIM FOI UM JARDIM, desenhos e flores. desenhando uma flor. Brincar no jogo, almoçar e descansar.

Inglês Inf. I pag 55 montar o porta retrato

Inf. II pag 43 recortar e montar a flor e colar no porta retrato da mamãe

Obs: As crianças vão levar para casa já ou pôr na pasta.

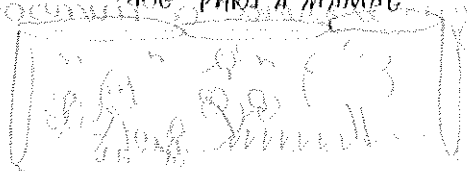
Pode colar a foto. Depois comer e eles vão levar para casa já ou pôr na pasta.

Quarta-feira Brinc. Oração e roda de conversa
Sala: Livro pag 18 desenhando o que gosta de brincar.
Linha, história, brincar de massinha.

Quinta-feira Brinquedoteca, Oração e brincar com a tia Bruno.
Maternal II montará pag 6 e pintar, recortar e colar o
cartão do mamãe e colar no folha sulfite. (Não dá para ele
Linha e história no CD: A Bela e o feio levarem o cartão
Sala de aula: Livro pag 28 destacar as cores e
pintar o cor selecionado.

ARTE Colar patito no folha sulfite e fazer um quadro
p/ a mamãe com cola colorida e brincar no play ground.

ARTE PARA A MAMÃE



Lindo!

Sexta-feira Brinquedoteca, Oração e roda. Educação física
contar o número de dedos com o pé. pi. fez movimentos
com esses membros e brincar de pipô, pipô (no brinquedo II) de
Linha, história, excitar o livro.

Para casa pag 45 desenhando o que gosta de brincar sozinho
e em grupo.

Sala de aula pag 46 desenhando e escrever o nome de quem você sempre
brinca. Brincar na brinquedoteca, almoo e descansar.

Quinta-feira inglês maternal II a tarde pag 6 e pintar,
recortar e colar o cartão do mamãe e colar no folha sulfite

Planejamento 09/10/25. 13/10/2011
Maternal I (tarde)

Segunda-feira

- 12:30 Brinquedoteca
- 13:00 lute
- 13:30 Educativo I: ^{de escolher} Recortar e recortar o que a mãe gosta nas revistas, papéis e colar o presente da mãe no caderno, em seguida brincar no play ground.
- 14:30 lanche
- 15:00 brincar no parque
- 15:30 contar histórias
- 16:00 brincar de massinha
- 16:30 fanta

Terça-feira

- 12:30 Brinquedoteca
- 13:00 lute
- 13:30 Unidade I: Fazer a arte da mãe ^{o brincar na brinquedoteca} pintar o croqui
- 14:30 lanche (Projeto Inf I + Inf II)
- 15:00 cantar músicas (do Brasil)
- 15:30 brincar com peças de lego no quintal
- 16:00 ler histórias
- 16:30 fanta

Quarta-feira

- 12:30 Brinquedoteca
- 13:00 lute
- 13:30 Unidade I: Livro pag 10 fazer as pinturas do folheto
contar a música do livro e brincar no sala de jogos.

- 14:30 lanche
- 15:00 Ouvir história
- 15:30 brincos nos brinquedos
- 16:00 cantar músicas, brincos com peças de madeira
- 16:30 ponto

Quinta-feira

- 12:30 Brinquedoteca
- 13:00 lanche
- 13:30 Unidade I: Livro pag 11 desenhos o braco e a perna
cantar a musica calca o braco, perna e pé, brinca de massinha
- 14:30 lanche (bufê Maternal II 15:00 às 16:00)
- 15:00 história
- 15:30 assistir e decorar o vídeo da XUXA
- 16:00 brincos de o ligo.
- 16:30 ponto

Sexta-feira

- 12:30 Brinquedoteca
- 13:00 lanche
- 13:30 Unidade I - pag 13 cantar a música com gusche e brincar no play ground
- 14:30 lanche
- 15:00 livro de história, escolher o livro.
- 15:30 Educação física correndo dos bolinhos e colocar no tambor.
- 16:00 cantar e brincar de massinha no quintal.
- 16:30 ponto
- bufê: pag 12 desenhos o pé.

O planejamento do Maternal II está ótimo.
Um bom início para você e que Deus te abençoe.
Beijos / Lu Amada